

# RASGOS NA INVISIBILIDADE: ARTE E PALAVRA COMO POTÊNCIAS DO EU

A RIP IN THE INVISIBILITY: ART AND WORD AS POWERS OF SELF

Ricardo Oliveira de Freitas<sup>1</sup>

Fabício Brandão Amorim Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Na complexa paisagem digital, um número expressivo de escritores marcados pela exclusão do *mainstream* editorial têm criado novas formas de divulgar e distribuir suas produções. O panorama contemporâneo apresenta uma pluralidade de manifestações que, mais do que meras veiculadoras de conteúdos, caracterizam-se pela expressão de vozes que expõem identidades e trajetórias pessoais marcadas pelo desfavorecimento e pelo enfrentamento às potentes pressões de apagamento. A partir da confluência entre vida e obra, surgem narrativas que interligam criação artística e autobiografia num cenário pontuado pela importante presença das mídias alternativas. Nessa conjuntura, merece destaque a atuação de espaços eletrônicos de produção que, conduzidos de modo independente, ousam confrontar fluxos excluídos impostos pelo *mainstream* editorial a artistas e autores. Tendo como base entrevistas publicadas na revista digital *Diversos Afins*, veículo cultural independente, o presente artigo busca discutir de que forma os depoimentos dos autores estão inseridos num viés que, mesclando narrativas de vida e motivações criadoras, assinalam discursos que se opõem aos imperativos da invisibilidade e que exaltam o papel da arte como instrumento de afirmação da existência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia alternativa; identidade; autobiografia; escritas de si; autoria.

**ABSTRACT:** In the complex digital landscape, an expressive number of writers marked by exclusion from the hegemonic publishing market have created new ways of disseminating and distributing their productions. The contemporaneity presents a plurality of manifestations that, more than mere conveyors of contents, are characterized by the expression of voices that expose identities and personal trajectories marked by the disadvantage and the confrontation

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Comunicação Comunitária na Universidade Federal Fluminense – Brasil e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Universidade do Estado da Bahia – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7528-4488>. E-mail: [ricofrei@gmail.com](mailto:ricofrei@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5741-2204>. E-mail: [diversosafins@gmail.com](mailto:diversosafins@gmail.com).

with the powerful pressures of erasure. From the confluence between life and work, narratives arise that interconnect artistic creation and autobiography in a scenario marked by the important presence of the alternative media. It is worth mentioning the role of electronic production spaces that, independently organized, dare to confront exclusive flows imposed by the publishing market to the artists and the authors. Based on interviews published in the digital magazine *Diversos Afins*, an independent cultural vehicle, the present article aims to discuss how the authors' statements are embedded in a bias that, by mixing life narratives and creative motivations, point to discourses that oppose the imperatives of invisibility and which exalt the role of art as an instrument of affirmation of existence.

**KEYWORDS:** Alternative media; identity; autobiography; written of itself; authorship.

## 1. ENTRADA

As últimas duas décadas no Brasil são ilustrativas da expressiva produção cultural e artística acerca de sujeitos, grupos e comunidades usualmente colocados à margem das histórias oficiais. A peculiaridade desse momento diz respeito ao fato de que tais sujeitos não têm sido tratados somente a partir do clássico lugar de objeto de análise, aonde aparecem como outros, distanciados do lugar do produtor, detentor da autoridade descritiva. Agora, parte importante dessa produção é feita pelos menos favorecidos, quando invertem a clássica lógica da hegemonia, como dividida entre a elite dominante e o povo passivo. Ao assumirem papel de destaque nos fluxos de produção, distribuição e consumo da cultura e das artes, apresentando para o mundo seus problemas, suas prioridades, seus modos de vida e visões de mundo, esses produtores elaboram um tipo de contradiscurso, composto por narrativas autóctones que funcionam como formas de resistência aliadas às causas dos menos favorecidos, dos desprestigiados, dos, muitas vezes, calados e tornados invisíveis.

Fazem, assim, um tipo de ativismo, ao promoverem ações e produzirem produtos aliados das causas dos movimentos sociais. Como essas ações e produtos usam e abusam das expressões em arte, funcionam como uma forma de ativismo, um fenômeno que se contrapõe aos modelos de pensamento

canônicos e às forças hegemônicas e que, combativamente, atribui novos sentidos políticos às causas das comunidades juridicamente vulneráveis, das minorias sociais e jurídicas, no contexto do neoliberalismo.

As mudanças estruturais que se apresentam em face da potente produção literária sobre (e de autoria de) o minoritário, em termos tanto de produção, como de distribuição e consumo, fazem com que “a própria noção de cultura, e por tabela a de literatura, seja forçada a repensar seus parâmetros e até mesmo, o que é mais interessante, sua função social” (HOLLANDA, 2017).

O uso de recursos de tecnologias (de informação e comunicação) também se apresenta como importante aliado dessas transformações, num tipo de midiativismo. As tecnologias permitiram ao mundo contemporâneo encontrar-se no ambiente mais diverso, plural, aparentemente, democrático, mesmo que ainda não seja absolutamente inclusivo: o ciberespaço, que é um ambiente virtual que faz com que as expressões humanas se vejam, cada vez mais, tomadas por uma cultura de trocas e aparições, que acentuam o caráter de participação dos sujeitos nas mais distintas esferas do conhecimento. Desde o mais simples cidadão, que compartilha seus saberes e experiências particulares de vida, até aquele que forma opiniões por ter se tornado alguém digno de culto, uma gama incontável de personalidades e seus feitos nos é apresentada nos territórios de atuação digital.

Movendo-se do contexto privado para uma esfera pública como a Internet, os partícipes dessa nova era de atuações também se apresentam marcados pelo fenômeno da superexposição da intimidade. De acordo com Sibilía (2016), muitos “eus” que se expandem na paisagem digital revelam suas intimidades de modo a fazer desse gesto um sinal de conferir sentidos outros a suas existências antes confinadas a ambientes mais restritos de vivência. Assim, o registro constante da vida pessoal dos indivíduos, com a sua consequente divulgação, seja em *blogs*, sites ou no contexto das mídias sociais, aponta para a

rasura do anonimato e um considerável flerte com a ideia de espetacularização das personalidades expostas.

Ao lado da exposição excessiva das intimidades no panorama contemporâneo, também emergem traços identitários de sujeitos comuns. Hall (1999) lembra que a identidade não se funda em bases permanentes e inalteráveis. É importante destacar que a múltipla caracterização da identidade, através da qual se movimentam o “eu” e a subjetividade, não é exclusividade dos tempos digitais; ela apenas ganhou mais evidência, conforme assinala Santaella (2007), nas inúmeras possibilidades de representação e encenação que emanam do ciberespaço.

Nesse sentido, o presente artigo tenta responder às seguintes questões: como funcionaria a relação entre subjetividade e identidade no campo das produções literárias expostas no ambiente digital? Como pensar que podemos conceber escritores enquanto *performers* de sua própria vida e obra, condição que remonta ao diálogo com outras expressões artísticas? Onde restam abrigadas as motivações criativas?

O texto nasce de um recorte feito a partir da nossa pesquisa de mestrado, que contemplou a análise e a discussão de relatos que, entrecruzando aspectos identitários e autobiográficos, se constituíam em verdadeiras narrativas que diversos autores teciam sobre si com base na relação entre suas vidas e obras; tendo por referência entrevistas publicadas na *Revista Diversos Afins*<sup>3</sup>, periódico eletrônico cultural independente. Ali, percebeu-se a importância do material formado por depoimentos selecionados, aqui considerados narrativas de autopercepção, já que potencializam opiniões a respeito da afirmação dos sujeitos enquanto criadores e portadores de uma bagagem identitária norteadora de suas posições frente ao mundo.

---

<sup>3</sup> Disponível: <http://diversosafins.com.br/>

Parte das entrevistas selecionadas apresentava conteúdos de texto facilmente identificados como discursos de transgressão ou contradiscurso, com base em discussões que versavam sobre modos de concepção da arte, via literatura, que, num tipo de fluxo contra-hegemônico, criavam uma alternativa ao *mainstream* literário. Esse é o elemento impulsionador do artigo.

Nosso percurso metodológico explorou depoimentos que integram o caderno *Pequena Sabatina ao Artista*, espaço dedicado às entrevistas publicadas na *Revista Diversos Afins* nos seus mais distintos períodos. A partir da leitura pormenorizada dos temas explorados no caderno, procurou-se identificar quais relatos demonstravam de forma mais consistente a ideia de que as narrativas pessoais dos autores entrevistados apontavam para a convergência entre modos de ser e estar pela arte, ou seja, manifestações que imbricavam vida e obra enquanto potências afirmadoras da subjetividade.

As falas que melhor ilustravam tal condição surgiram como resposta a indagações sobre quais seriam as motivações que estimulavam a produção daqueles escritores. Dentro desse viés, as narrativas de produtores posicionados à margem do *mainstream* literário nos ajudaram a compor um painel analítico que tende a refletir também traços de nossa plural, porém, desigual, sociedade.

## 2. CONTEXTOS DE INDEPENDÊNCIA

A *Revista Cultural Diversos Afins*, fundada em 2006, é uma mídia que circula unicamente no modo *online*. Possui periodicidade mensal e publica poemas, contos, resenhas e ensaios sobre música, cinema, literatura, teatro, fotografia e artes plásticas, bem como entrevistas com escritores e artistas. Direcionada principalmente para novos criadores, muitos deles ainda desconhecidos do grande público ou até mesmo iniciantes, representa um espaço de difusão das produções dos mais variados autores, em sua maioria

brasileiros, que percebem formas de ampliar a circulação de suas criações num ambiente caracterizado pela produção e veiculação independente de conteúdos, ou seja, um projeto sem fins lucrativos que não segue imposições de ordem mercadológica ou a agenda dos meios tradicionais de divulgação literária.

A trajetória da *Diversos Afins* se confunde, em grande parte, com o novo panorama de mídias digitais dedicadas, sobretudo, à Literatura, e que experimentaram seu surgimento e impulsionamento a partir do final dos anos de 1990. Plataformas mais acessíveis de produção e edição foram as principais responsáveis pelo crescimento vertiginoso de novos espaços de divulgação de textos em meio eletrônico. Publicar passou a ser uma condição não mais exclusiva dos grandes grupos e corporações midiáticas. Nesse processo de mudança, tributário das potencialidades de comunicação e interação advindas da Internet, projetos robustos e comprometidos com a qualidade foram surgindo.

Grande parte das iniciativas que abriram outras frentes de atuação no campo literário se mantém de modo completamente independente, sem fins lucrativos e apoios financeiros de ordem privada ou pública. Sobrevivem graças aos esforços pessoais de seus idealizadores, que arcam com os custos de operacionalização dos seus respectivos sites.

Diante de um mercado no qual predomina a lógica das grandes corporações, que dá ênfase ao peso dos chamados *best-sellers* e que beneficia autores incensados pela crítica e pela grande imprensa, sejam eles nacionais ou internacionais, podemos perceber que a abertura de espaços independentes funciona como uma frente de resistência aos ditames midiáticos hegemônicos. Num cenário como este, a noção de cultura de participação se configura a partir das práticas constantes no panorama da revolução eletrônica. Segundo Shirky (2011, p. 166):

Quanto maior a oportunidade oferecida pelas novas ferramentas, menos completamente alguém consegue projetar o futuro a partir da formação anterior da sociedade. Também é assim atualmente. As ferramentas de comunicação que temos agora, que apenas uma década atrás pareciam oferecer uma melhora no panorama da mídia do século XX, agora o estão desgastando rapidamente. Uma sociedade em que todo mundo tem algum tipo de acesso à esfera pública, é diferente daquele tipo de sociedade em que os cidadãos se relacionam com a mídia como meros consumidores.

Inserida num viés contra-hegemônico, a definição de mídia alternativa também é pertinente para o que abordamos aqui. Tal conceito desdobra-se em vertentes que, segundo Foletto (2018), apontam três caminhos. O primeiro, remete ao papel de mídias que, pondo em xeque as políticas estabelecidas, propõem uma alteração radical sob o ponto de vista social. O segundo, refere-se à atuação de mídias que levam a cabo representações identitárias pertencentes às reivindicações de minorias, tais como negros, *gays* e mulheres, agentes que não possuem oportunidades de fala nos meios de comunicação tradicionais. A terceira e última vertente está associada à confecção de publicações artesanais de cunho cultural produzidas por apreciadores das obras de músicos e artistas em geral. O fato é que todas as três definições referem-se a um tipo de mídia, a mídia alternativa, que atua no combate ao que temos chamado de pressões de apagamento. Apagamento, aqui, não se estrutura tão somente na ausência de indivíduos, grupos e comunidades da esfera de visibilidade de visibilidade midiática, i.e., não se traduz pela ausência objetiva, à falta. Refere-se, sobretudo, à presença; mas, à presença pejorativa, deturpada, humilhante, negatizada.

Examinando a atuação de revistas como a *Diversos Afins*, podemos identificar uma espécie de ativismo cultural que encontra reflexos no conceito de mídia alternativa. Tal constatação se apoia na ideia de que espaços de produção literária surgem não apenas como simples veiculadores de obras e do pensamento de autores, mas como lugares de resistência quando o propósito é

mostrar aos leitores e visitantes que, para além do que estabelece o *mainstream* e a mídia hegemônica, há vozes manifestando sua expressão criadora e seu lugar de sujeitos no mundo. Se assim não fosse, talvez muitos escritores, que mais tarde viriam a ser tidos como talentosos pela crítica, jamais teriam ganhado alguma evidência, ficando, eternamente, confinados a uma profunda invisibilidade, ou melhor, à profundidade do apagamento.

### 3. VIDA E OBRA: O “EU” QUE SE ANUNCIA NA PAISAGEM DIGITAL

A trajetória de escritores nem sempre é revestida de um ato criativo pura e simplesmente movido pela famigerada e simplista ideia de inspiração. É muito pouco pensar no ofício de quem escreve como sendo o resultado direto de um estado de espírito que ilumina o sujeito e o faz criar a partir de algum estágio encantado, impetuoso ou meramente contemplativo da vida. Por certo, as motivações são as mais diversas possíveis, muitas delas a perpassar o repertório sobre o qual repousam vivências e formas de se olhar e conceber o mundo.

Em meio a algumas entrevistas realizadas na *Diversos Afins*, a indagação sobre as razões pelas quais os autores dedicavam seu tempo ao ofício literário encontrou terreno favorável para uma série de exposições pessoais em torno do tema. Diante do material pesquisado, encontramos relevância maior nos conteúdos que, em lugar de dar primazia a aspectos do processo criativo em si, tais como técnica ou estilo, apontavam para a presença de vozes que, em muitos casos, encampavam uma defesa das expressões de suas individualidades.

No amplo território que abriga depoimentos de toda ordem, as entrevistas, acenando com um gesto de aprofundamento, também exigem do escritor que este se debruce sobre elementos outros que impulsionam a sua atividade. Desse modo:

Para esse autor, ao qual se pede que dê conta de razões que vão além de sua própria razão, também se formula a pergunta de difícil resposta: para além do trabalho esforçado, das vicissitudes da inspiração, do (provável) ceticismo, para além do interrogatório, às vezes insidioso, da entrevista, por que escreve? (ARFUCH, 2010, p. 235)

É possível observar que questões relativas à afirmação identitária ganharam significativa importância na maneira como determinados escritores expuseram suas obras. Assim, o fazer literário foi pensado como uma vigorosa ferramenta de expressão do sujeito que se anunciava na sua personalidade, na revelação de sua intimidade e dos seus anseios, nas bases de seu pensamento crítico diante da realidade. É o autor a falar de sua produção sem perder o nexo com as tramas de tudo que o circunda sob os mais variados aspectos, sejam eles culturais, sociais, políticos, econômicos, religiosos, regionalistas...

Ao mesmo tempo, é importante salientar que a entrevista se constitui como um aglomerado de possibilidades no qual a experiência biográfica movimenta suas feições. É dizer que agrega as facetas de biografia, autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória e testemunho. Ademais, é:

o fato de apresentar um leque inesgotável de identidades e posições de sujeito – e, extensivamente, de vidas possíveis -, e mais ainda o fato de que essas vidas oferecidas à leitura no espaço público o sejam em função de seu sucesso, autoridade, celebridade, *virtude*, o que torna a entrevista um terreno de constante afirmação do valor biográfico. (ARFUCH, 2010, p. 155)

Abordar a sua produção literária, em alguns casos, demanda do autor uma janela constantemente aberta para o mundo, dimensão esta que, percebemos, não consegue se dissociar de questões pessoais e coletivas contundentes. Vejamos um exemplo:

Eu me assumo como transgressor em termos políticos, identitários. Faz parte da minha vida. Sou contra-hegemônico, negro, homossexual, e essas questões aparecem inevitavelmente no que eu falo, nas minhas posições, na minha poesia e formalmente. Ao contrário do que pode parecer, esse exercício de dominar a língua do colonizador, usando as formas tradicionais, hegemônicas, não é um fim em si, mas um meio de dizer coisas, e dizer para públicos outros, que não são os meus pares apenas. Também para minar essa língua por dentro, essa forma por dentro. O que me interessa é dizer “eu sei fazer um soneto bonitinho, mas isso não é o mais importante”. Eu sou poeta. Assim como digo que sou negro e gay, sou poeta. Poeta que pode fazer um soneto, um haicai.<sup>4</sup>

Indagado sobre como seu labor literário pode explicitar uma perspectiva transgressora, o poeta Alex Simões ressalta em sua resposta o leque de posicionamentos que o constituem enquanto sujeito. E transgredir, como ele mesmo fala, é poder revolver as bases que fundam o domínio da língua imposta hegemonicamente. Alex, em seu modo de trabalhar com uma forma tradicional de poesia que é o soneto, manipula o verso a seu modo, buscando um resultado que o faça transmitir o que pensa para um número cada vez maior de pessoas, não somente seus pares, como ele mesmo confessa. Nesse sentido, Beigui (2011, p. 34) sugere que é “urgente pensar a escrita como espaço de cartografia de mapas externos e internos do artista, do leitor, e do crítico que cinde, e às vezes derrota, o cânone sem o abandonar”.

A transgressão, na via dos assim chamados contrassonetos<sup>5</sup>, evidencia o homem que está por trás do escritor numa extensão superior aos limites da criação literária. É ele mesmo o porta-voz de um corpo que se anuncia político, emanando aquilo que vive cotidianamente: sua negritude e homossexualidade. Ao poeta em questão, não é mais importante o domínio dos aspectos formais do

---

<sup>4</sup> Entrevista publicada em abril de 2016, na 110ª Leva da Revista Diversos Afins, no caderno Pequena Sabatina ao Artista. Disponível: <http://diversosafins.com.br/diversos/pequena-sabatina-ao-artista-44/>. Acesso em: 06/10/2018.

<sup>5</sup> Uma dimensão do termo é percebida através do livro de poemas “Contrassonetos: catados & via vândala”, que Alex Simões publicou, em 2015, pela Editora Mondrongo.

seu ofício, mas a prerrogativa de poder comunicar ao mundo sua existência enquanto autor que oportuniza seu próprio lugar de fala.

Noutro momento de sua entrevista, o escritor é questionado sobre como avalia a aparição cada vez mais frequente, na Literatura, de pautas afirmativas sob o ponto de vista identitário. A partir de sua própria condição, ele aponta:

Quando eu digo e repito que sou negro e poeta, não esperem de mim nenhuma performance ou atitude dentro, encarcerada nessas identidades. Temos identidades e identificações. Qualquer estereótipo, qualquer prisão eu recuso e, nesse sentido, cabe meu aspecto transgressor de quebrar expectativas. Há situações nas quais é fundamental a gente se posicionar politicamente pra que não nos tomem como homem branco, heterossexual. É importante mapearmos isso porque falar por falar sem ter um domínio de um repertório, sem ter interlocutores dentro de uma linguagem, sem ler outros poetas e não só os poetas que me interessam, sem possuir o mínimo de conhecimento da linguagem em que estou me metendo, vai virar panfleto puro, e isso não tem valor. Se é para dizer às pessoas apenas que sou negro e gay, é melhor eu escrever um panfleto, e não um poema. Mas poder ter alguma relevância dentro de uma cena, um discurso, e poder falar de um lugar de opressão, denunciar que há um genocídio contra a população negra, homossexual, transexual, LGBT, isso é importante. Na medida em que eu puder dizer que existe um investimento violento contra segmentos minoritários, vou dizer. Eu sou uma exceção à regra. Duas vezes. Mas sempre nessa medida de que, enquanto poeta, eu tenho a liberdade de fazer qualquer coisa, inclusive de não querer falar sobre isso.<sup>6</sup>

O relato de Alex Simões chama atenção para o fato de que, mesmo assumindo publicamente a condição de ser negro e *gay* e, eventualmente, ter que se posicionar, dentro de sua criação literária, em torno dessas temáticas, o autor não condiciona traços basilares de sua identidade como determinantes para a elaboração e exposição de sua obra. Tal como sustenta, até nisso a sua capacidade transgressora atua, rompendo expectativas alheias que, muito

<sup>6</sup> Entrevista publicada em abril de 2016, na 110ª Leva da Revista Diversos Afins, no caderno Pequena Sabatina ao Artista. Disponível: <http://diversosafins.com.br/diversos/pequena-sabatina-ao-artista-44/>. Acesso em: 06/10/2018.

provavelmente, o desejariam ver permanentemente atado aos nexos identitários. Daí que não interessa ao poeta falar apenas por falar, na construção de seus versos, sobre pautas minoritárias de tamanha relevância na contemporaneidade. Importa, para ele, mencionar tais demandas marginais quando e como desejar, sem perder de vista a necessidade da propriedade, vivência e domínio do conteúdo exposto. A liberdade defendida aqui está tanto dentro quanto fora do percurso identitário pessoal.

Na sua atuação com performances artísticas, Alex Simões, utilizando seu corpo como mídia, é um alguém interessado no cruzamento entre poesia e música. Dentro dessa perspectiva, desdobram-se interligações entre música popular massiva e poesia canônica, bem como entre artes visuais e poesia. Situado no entrelugar que associa poesia à performance, o artista abraça a condição de “poeformer”, termo que adota com frequência quando o intuito é definir seu trabalho.

Vislumbrando a performance como modo de expressão identitária, a possibilidade de se falar através do corpo é, no caso de Alex Simões, uma via que rasura padrões. Na contramão de uma hegemonia que tenta disciplinar mentes e corpos, as vozes da diversidade exortam clamores das minorias, demarcando um tom de resistência que se insurge contra o apagamento de vidas e subjetividades.

Ocorre que na experiência de transposição do texto escrito para o corpo-mídia do performer, a expressão da mensagem é algo capaz de envolver o público que testemunha seu trabalho, colocando-o frente a frente com o artista, olho no olho. Diante de tal proximidade, o eixo poeta/performer/público parece fazer da obra apresentada algo em processo constante de não acabamento, posto que condicionada às possíveis múltiplas experiências do momento, as quais não estão sob o controle absoluto do seu criador. Conforme assinala Leal (2012), ainda que se operem estranhezas, conflitos e incômodos, a participação

do público é capaz de articular enfrentamentos que conferem à alteridade um papel de protagonismo no seio das performances, condição esta que modifica o objeto artístico em razão da intervenção de outros sujeitos potencialmente ativos.

A escritora e artista visual JeisiEkê de Lundu, que se define como transexual não-binária, é um exemplo do quanto as perspectivas vividas em torno da arte podem afirmar uma existência que, além de ter que resistir às adversidades vividas em razão da sua condição de sujeito, busca espaço próprio enquanto criadora que deseja manifestar seu pensamento através da sua obra.

Escritora até então inédita em livro, foi a partir da coletânea digital *Profundações 2*<sup>7</sup>, que reuniu poetas e fotógrafas estreantes de várias partes do Brasil, que JeisiEkê desengavetou alguns de seus versos e tornou-os visíveis através de uma publicação. Tal coletivo de vozes dispostas à margem do cânone, diga-se de passagem, surgiu como uma investida editorial independente contra-hegemônica que vai de encontro à invisibilidade de autoras, agregando esforços de representação também assentados na diversidade sexual e de gênero. Ao mencionar a importância de sua participação numa iniciativa dessa monta, a autora diz:

Escrevo pra respirar, para que as palavras não me sufoquem, para que um suspiro novo venha. Não sou a primeira pessoa trans a publicar, tiveram várias outras, não é algo novo, mas ainda existe pouca visibilidade. *Profundações 2* causou muita coisa dentro de mim e sei que o mesmo aconteceu com as várias escritoras e fotografe, que publicaram junto comigo. Reunir escritoras, em sua maioria nordestinas, que não têm a escrita como profissão, mas que têm potência e existência como discurso é uma desobediência, como fala a própria organizadora. *Profundações* é um ato de guerrilha e na mão de cada combatente tem uma vara de cansação esperando o momento certo para o ataque.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Disponível: [https://drive.google.com/file/d/0B\\_nAKbHvd-nfTjB4LVRDTmk5amc/view](https://drive.google.com/file/d/0B_nAKbHvd-nfTjB4LVRDTmk5amc/view)

<sup>8</sup> Entrevista publicada em abril de 2018, na 124ª Leva da Revista Diversos Afins, no caderno Pequena Sabatina ao Artista. Disponível: <http://diversosafins.com.br/diversos/pequena-sabatina-ao-artista-57/>. Acesso em: 27/10/2018.

No decorrer da entrevista de JeisiEkê, notamos a presença constante da noção de representação do grupo, de pertença à uma coletividade. Como ela mesma sustenta, sua produção está assentada num movimento de comunhão com os ideais que professa, ou seja, escrevendo por si e por todas as vozes que, assim como ela, necessitam afirmar sua existência num mundo majoritariamente constituído por modelos previamente determinados. Assim, a autora recusa o encarceramento da sua identidade numa posta classificação e se empenha para que sua obra seja também um instrumento de sobrevivência diante da barbárie cotidiana, esta mesma que nega insistentemente a humanidade presente na diversidade sexual e extermina pessoas.

No fluxo que embala a necessidade de resistir pela expressão da arte, irrompe a constatação:

Eu entendo que, enquanto biografia, o meu trabalho, se denuncia ou critica, é porque vai de encontro a uma norma, ao binarismo, ao mundo encaixotado em identidades fixas e castradoras. Acredito que, quando lançada, a palavra pode atingir não sei ao certo qual a estaca que segura essa estrutura toda, mas sei que existe potência nesse lançamento. Se atingirá um alvo, ou não, o importante é que houve o deslocamento e o percurso em que isso acontece. Seria prepotência uma artista traçar a rota de sua arte e ter plena certeza do que/onde ela vai atingir. A arte é muito mais ampla e viva. Nós estamos morrendo. Se levarmos em conta as estatísticas, meu corpo tem menos de 10 anos de vida, posso ser atacada a qualquer momento, ainda mais com a força da onda do conservadorismo querendo nos arrastar e nos lançar contra as pedras. (...) minha principal crítica é continuar viva, é subir no palco, empunhar o pincel ou caneta, minha crítica é rasgar o véu da arte elitista e privilegiada e dizer que nós, apesar das pedradas, continuamos vivas! <sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Entrevista publicada em abril de 2018, na 124ª Leva da Revista Diversos Afins, no caderno Pequena Sabatina ao Artista. Disponível: <http://diversosafins.com.br/diversos/pequena-sabatina-ao-artista-57/>. Acesso em: 27/10/2018.

O desejo manifestado por JeisiEkê de Lundu com a condução do seu trabalho ultrapassa as fronteiras da criação literária e artística. É a intenção natural de ser tida como um ser humano em sua plenitude, podendo expressar seu pensamento nas obras realizadas sem que para isso seja vista como alguém anormal. A pretensão de proteger sua integridade física e mental corre junto à necessidade de continuar viva e poder criar. Durante toda a entrevista, a autora está sempre pensando em sua ação como tributária de demandas que não são apenas suas, mas de uma coletividade de sujeitos que também precisam ter suas existências e características identitárias preservadas.

Tendo como base uma formação que apontava caminhos de denúncia e crítica social, a escritora, professora e atriz Rita Santana, desde muito cedo, acostumou-se a lidar com temas que a faziam pensar sobre sua condição de mulher na sociedade. E ela torna público seu envolvimento com assuntos de tamanha complexidade quando relata que:

Os dramas de ser mulher e negra numa sociedade racista e machista também já se debatiam dentro de mim em todas as relações sociais, acadêmicas, amorosas, artísticas, familiares. É impossível não ser afetada por essas questões. A minha casa foi o primeiro espaço de constatações e de contestações. A escrita veio, portanto, como arma, como contradiscurso necessário para que eu assumisse o meu posicionamento político e poético no mundo. Há repressão também na linguagem da mulher e sempre me rebelei contra essa violência.

10

O depoimento da escritora surge como resposta ao questionamento sobre os percursos que a sua obra poética havia empreendido até então. Profundamente associada às perspectivas da representação do feminino, é com bastante vigor que a escrita dela se insurge contra os avanços misóginos e

---

<sup>10</sup> Entrevista publicada em junho de 2013, na 80ª Leva da Revista Diversos Afins, no caderno Pequena Sabatina ao Artista. Disponível: <http://diversosafins.com.br/diversos/pequena-sabatina-ao-artista-15/>. Acesso em: 04/09/2018.

racistas, os quais insistem em tentar subalternizar pessoas. Nessa entrevista, Rita confessa que, sobretudo com a leitura de obras importantes, consolidou o seu lugar de mulher no mundo, rebelando-se contra as investidas que pretenderam mitigar a sua voz.

A expansão da consciência de ser mulher veio atravessando estruturas ao longo da trajetória da poeta. Desse modo, não somente rupturas com o contexto familiar inicial, principalmente a partir da adolescência, foram sendo promovidas, mas também com o mundo circundante. Da sua “revolta contra os lugares preestabelecidos”, Rita Santana colheu a matéria-prima para seus livros, moldando sua voz lírica não somente como objeto de inconformismo social, mas também com a possibilidade de exortação ao componente estético contido no universo feminino.

Indagado sobre se sua escrita estaria atravessada pelo envolvimento com as questões de seu tempo, Itamar Vieira Junior assinala:

Não vejo a minha escrita dissociada da minha própria experiência. Pretendo-a consciente, talvez por isso engajada. Mas há arte inconsciente e que não seja engajada em seus próprios parâmetros? Essa é uma questão, não tenho a resposta. Atribuí a mim, como creio que fizeram os meus pares do passado e do presente, a intenção de dar um testemunho pessoal sobre o meu tempo. Um testemunho pequeno, mínimo, da história em face à nossa grande diversidade enquanto espécie. O que seria minha vida, e a de qualquer escritor, dentro do grande tempo da história humana? Talvez possamos narrar um átimo dessa longa jornada. Fiz essa escolha por circunstâncias que não seria capaz de explicar. Ao mesmo tempo pode parecer uma presunção considerar que somos capazes de aprisionar em uma narrativa uma versão de nosso tempo. Pode parecer soberba assumirmos esse lugar de narrar uma história. É e sempre será uma posição delicada, ainda que estejamos autorizados por nossas convicções a escrever. <sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Entrevista publicada em fevereiro de 2018, na 123ª Leva da Revista Diversos Afins, no caderno Pequena Sabatina ao Artista. Disponível: <http://diversosafins.com.br/diversos/pequena-sabatina-ao-artista-56/>. Acesso em: 24/10/2018.

Na época em que a entrevista concedida por Itamar Vieira Junior foi veiculada, as atenções da conversa orbitavam principalmente em torno do seu livro de contos “A Oração do Carrasco”, publicado, em 2017, pela Mondrongo, uma editora de porte modesto. Cabe salientar que a referida obra lida com questões cruciais relacionadas ao racismo, bem como outros temas atinentes à negritude. Não somente a denúncia e a crítica de tal temática estão presentes na literatura feita pelo autor, mas também a perspectiva de ressignificação do papel do negro diante de uma sociedade (a brasileira) que, secularmente, insiste em confinar tal povo a lugares de invisibilidade, ao apagamento.

Mas eis que escrever pode representar uma ideia de perpetuação do indivíduo, bem como dos temas que ele engendra em seu ofício. Confrontado sobre a razão que poderia levar alguém a se dedicar à escrita, Marcus Vinícius Rodrigues declara:

Pelo mesmo motivo que as pessoas bebem, fazem sexo, amam. Não tem motivo, pois ou é isso ou nada. E o que vem depois do nada a gente não sabe. É gostar de se expressar, de criar histórias, de construir um mundo particular, de construir a ilusão do eterno. É pra isso. Se a gente começa a pensar o porquê das coisas, todas elas não têm muita razão de ser, não têm muita necessidade. Nem viver, não é? Mas a gente vive porque não sabe o que vem depois, vamos aproveitando o que se tem. Eu comecei a escrever porque gostava de ler o clássico, o clichê do clichê, e gostava de estar nesse lugar. E tem uma hora que você tem que criar esse próprio lugar. Tem gente que bebe e vive para isso. Tem gente que gosta de futebol. Há pessoas que fazem outras coisas e apenas preenchem o tempo. Acho que pelo menos a literatura ou a arte de um modo geral têm essa sensação de que está se construindo alguma coisa. Esse é o grande lance. É isso que aproxima talvez as artes da religião. A religião também é isso. Ela é a aposta num depois, aposta no que a gente não vê, no sobrenatural. A arte também é uma aposta no sobrenatural. A aposta na comunicação com uma pessoa que você não sabe quem seja é uma esperança. Escrevemos por esperança, simplesmente. Em quê é que é o problema. O bom da esperança é que ela não é em nada. Esperar

nesse sentido é intransitivo. Simplesmente, esperamos uma coisa, uma transcendência, um além.<sup>12</sup>

A ideia de “construir a ilusão do eterno” é o ponto de destaque na fala de Marcus Vinícius, autor que se dedica tanto à prosa quanto à poesia. Tal noção de eternidade, levada a cabo pela criação literária, parece uma aposta de que permanecemos no mundo, mesmo após a nossa finitude material, pela possibilidade de estarmos inseridos, enquanto espécie que vivencia tramas comuns, no seio das obras produzidas pelos mais distintos escritores. É dizer que a Literatura expande a vida humana para dimensões intangíveis, as quais são experimentadas e, muitas vezes, apenas possíveis por conta dos requintes ficcionais da invenção.

O sentido de perenidade atribuído à arte por Marcus Vinícius Rodrigues aponta sempre para a projeção num futuro que não sabemos qual será. Sob a ótica da transcendência, autores podem vir a crer que seus feitos se deslocarão no tempo, independente de qual seja a era vivida. E o ato de produzir obras, enquanto aposta no porvir, comunga da já mencionada ilusão do eterno quando supõe que será lembrado por sucessivas gerações, mesmo que não se saiba ao certo quais os seus reais destinatários. No caso da Literatura, escrever pode representar o desejo de permanecer através dos livros, espécie de prolongamento imaterial da existência.

Quando Marcus Vinícius menciona, em sua entrevista, que tanto as atuações pelo *front* literário quanto pelo artístico sugerem uma noção de que algo está sendo construído, podemos vislumbrar também que tal impressão remonta à ideia de que o ato de criar não está dissociado das experiências vividas por determinado autor ou artista. Tal como assinala Bourriaud (2011,

---

<sup>12</sup> Entrevista publicada em março de 2016, na 109ª Leva da Revista Diversos Afins, no caderno Pequena Sabatina ao Artista. Disponível: <http://diversosafins.com.br/diversos/pequena-sabatina-ao-artista-43/>. Acesso em: 06/10/2018.

p. 14), temos que: “A arte moderna, e é essa sua principal virtude, nega-se a considerar o produto acabado e a vida a ser vivida como produtos separados. *Práxis igual a poiésis*. Criar é criar a si mesmo”. Desse modo, a percepção da construção de algo efetivo através da Literatura, por exemplo, perpassa a ideia de que criar é reconhecer a própria vida ali amalgamada a uma determinada obra e em movimento.

#### 4. SAÍDA

Num primeiro momento, nosso interesse dizia respeito ao uso das tecnologias com acesso à Internet para promover a aparição de sujeitos, no caso escritores, junto à esfera pública, através da produção de textos publicados na revista *Diversos Afins*.

Após a coleta e análise das entrevistas, percebemos, no conjunto de depoimentos selecionados, que o modo como os autores se apresentavam no periódico revelava a busca por um espaço não somente de divulgação dos textos literários, mas também de possibilidades de fala derivadas de causas pessoais e coletivas.

O tema da motivação dos escritores em relação ao fazer literário ganhou destaque nas entrevistas analisadas. Em resposta ao questionamento central sobre o que os levaria a escrever, muitos acabaram por deixar aflorar aspectos cruciais de suas identidades.

Desse modo, além de representarem posturas afirmativas, os depoimentos trataram da subjetividade como um território em constante dinamismo, mostrando seus enunciadores como sendo indivíduos que têm a plena consciência de que suas identidades estão permanentemente em construção, estando sujeitas, sobretudo, a interações com outros sujeitos no convívio social.

Em muitos depoimentos, foi assinalada a importância de se valorizar a face plural da literatura brasileira contemporânea, ainda muito centrada num padrão que não privilegia a participação de vozes minoritárias sob o ponto de vista autoral. Autores homens e autoras mulheres, negros e negras, nordestinos e nordestinas, homossexuais e transexuais defenderam o direito à fala, chamando a atenção para a importância da mídia alternativa no cenário brasileiro atual para dar voz a sujeitos, grupos e comunidades anteriormente invisibilizadas, marcadas pelas pressões de apagamento, até mesmo no que diz respeito às suas inserções no mercado editorial hegemônico. Dessa maneira, ao negar as possibilidades de autorrepresentação desses grupos através da Literatura, mercado e cânone aprofundariam os fluxos de apagamento, a exclusão.

Nas trincheiras da arte, dado o caráter de participação oportunizado pelos espaços alternativos de produção midiática, o ato de vir a público para exercitar sua voz ativa pode ser, em última instância, relevante instrumento de sobrevivência do autor e sujeito e das suas comunidades, quando fala a favor de uma causa coletiva.

Concluimos, assim, que veículos culturais independentes, tipos de mídia alternativa, como a revista *Diversos Afins*, são importantes recursos para promover formas e modos de literatura que fortalecem grupos e comunidades, até então, desfavorecidos, no que possibilitam a esses sujeitos marcar seus lugares de fala como escritores, indivíduos e pessoas da comunidade. Afinal, recursos de mídia alternativa, comunitária e independente permitem aos autores expor as suas individualidades e subjetividades, mas, também, possibilitam que falem em nome da comunidade, das suas comunidades, de mulheres, de negros, de periféricos, de leitores...

Um tipo de literatura que muito se aproxima das ações e iniciativas que utilizam recursos de comunicação e expressões em arte a fim de promover

causas, expor prioridades de grupos juridicamente vulneráveis e que têm servido a um tipo de ativismo social, que chamamos de artivismo, ou melhor, midiartivismo. A importância do momento diz respeito ao fato de que essas iniciativas, mesmo quando estão à margem do sistema, à margem do mercado (editorial, por exemplo), mesmo quando negam as histórias oficiais da cultura, têm expressivo poder crítico e, por isso, confrontam as culturas hegemônicas, as culturas centrais, num tipo de produção crítica, de enfretamento, naquilo que Heloísa Buarque de Hollanda tratou, ainda no início dos anos 2000, como sendo fruto das “novas periferias literárias” que “vêm se redefinindo em função das lógicas dos processos de globalização neoliberal” e provocando importantes “enfretamentos culturais ao contexto político e econômico do século XXI”, ou seja, a “literatura e a cultura produzida na periferia das grandes cidades brasileiras e seu poder de interpelação e impacto na produção canônica e de massa” (HOLLANDA, 2017).

### REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BEIGUI, Alex. Performances da escrita. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 21, n. 1, p. 27-36. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG 2011. Disponível: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1564/1661>>. Acessado em 24/06/2019.

BOURRIAUD, Nicolas. *Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si*. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de conceitos semelhantes. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2018, p. 95-110.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Literatura marginal*. Disponível:

<<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/>>.  
Acessado em 10/01/ 2017.

LEAL, Juliana Helena Gomes. Literatura e Performance. Em Tese: Teatro e Ética, v. 18, n. 2, p. 58-69. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG 2012. Disponível:<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3808>>. Acessado em 24/06/2019.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Trad. Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

Recebido em 14/07/2019.

Aceito em 03/09/2019.